

MULTIVERSOS

ciência, aventura, ficção e poesia



Wellington Srbek

Edição do Autor



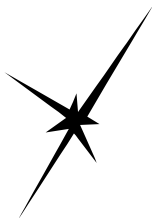
© 2025 Wellington Srbek

Todos os direitos reservados.

Texto e edição: Wellington Srbek

Editoração eletrônica: Dênio Takahashi

Ilustração da capa: Will



Obra publicada originalmente como e-book em 2019
com o título *Multiversos: poemas narrativos*.

Multiversos: ciência, aventura, ficção e poesia é uma edição do autor. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou comercializada, por quaisquer meios, sem a autorização do titular de seus direitos autorais.

Obra registrada na Câmara Brasileira do Livro.

Belo Horizonte, 2025.

Narrativa Cósmica

No início de tudo, havia um ponto:
uma muitíssimo ínfima hiperdensa partícula,
origem de todas as coisas que conto
nesta científica narrativa, uma cósmica fábula.

Aconteceu então misteriosa explosão
sem som, embora seja chamada “Big Bang”,
que o Universo gerou em súbita expansão,
em fases distintas que aqui se descreve.

O que primeiro surgiu naquele momento,
mais ligeiro que tudo que existiu ou existirá,
foi o próprio continuum espaço-tempo,
palco para tudo mais que houve e haverá.

Foi há 13,8 bilhões de anos ou pouco mais
que esta história começa, segundo a Ciência,
quando no espaço e tempo quadridimensionais
surgiriam também a energia e matéria.

Mas, na primeira fração de fração de segundo,
o que havia era uma caótica sopa escaldante:
energia pura a trilhões de graus centígrados,
fornalha da Criação, incandescente.

E enquanto tudo se expandia veloz
também se esfriavam os ingredientes universais.
Assim, naquele primordial Cosmos,
a energia se condensou em formas materiais.

Minúsculas partículas subatômicas
em disparada no espaço, colidindo faiscantes.
Mas nada que se compare à batalha titânica
de matéria versus antimatéria, opostos anulantes.

Daquela luta definitiva saiu vitoriosa a matéria
e, num Universo que esfriava a cada momento,
ao final dos primeiros segundos, ali se formaria
o primeiro átomo, do primeiro elemento.

Com seu núcleo de um próton e um nêutron,
surgiu o tão fundamental hidrogênio,
que, orbitado por um rápido elétron,
seria o principal ingrediente nos próximos milênios.

Já governado pelas quatro Forças:
gravidade, eletromagnetismo, nuclear fraca e forte,
o Universo era só vazio e nuvens de gás.
Mas isso mudaria 200 milhões de anos adiante.

Foi aí que, de uma grande massa gasosa,
girando violentamente, acumulando volume,
calor, pressão e densidade poderosa,
se formou a primeira estrela com seu belo lume.

Nos milhões de anos seguintes,
mais e mais estrelas iluminaram a noite cósmica.
Entre elas, fundindo hidrogênio em hélio, as gigantes
de luz muito intensa, mas de breve história.

E quando uma estrela supermassiva
seu combustível de fusão nuclear esgotava,
dupla erupção de raios gama emitia,
num evento catastrófico, apocalíptico: a hipernova.

Banhando todo o espaço à volta de radiação,
semeando com outros elementos o Universo,
a morte da imensa estrela trazia a criação
de um buraco negro, devorador intenso.

Rodopiante, engolindo gás e até estrelas vizinhas,
nada foge à gula do monstro de gravidade.
Nem a luz consegue escapar da armadilha
desse objeto enigmático, uma singularidade.

Mas a mesma Força que causa destruição
também dá forma a estruturas incontáveis,
massas de poeira, gás e estrelas em união:
as nebulosas e as galáxias elípticas ou espirais.

Em constelações que vão se somando tantas,
gerações de estrelas aos bilhões se renovam.
Azuis, vermelhas, amarelas, anãs brancas
ou esferas de nêutrons resultantes de supernovas.

De fato, após ter brilhado longa vida estelar,
quase sem energia no núcleo, a esfera explode
para novos elementos ao espaço lançar:
carbono, oxigênio e ferro, a prata e o ouro nobres.

E da “poeira de estrelas” a evolução do Cosmos
forma outras estrelas, asteroides, cometas,
luas e planetas incontáveis, de gás ou rochosos,
orbitando astros luminosos em sistemas.

Na periferia da espiral galáctica Via Láctea,
há pouco mais de 4,5 bilhões de anos passados,
surgiu a estrela Sol com seu próprio sistema:
planetas, satélites e asteroides variados.

Apesar do início turbulento, o Sistema Solar logo alcançou relativa paz e equilíbrio. Dessa maneira, puderam assumir devido lugar um planeta e sua lua, dois companheiros no vazio.

Aquecido pelo banho de fótons constante, mas protegido da radiação do Sol severa por seu escudo eletromagnético circundante, o pequeno planeta pôde manter sua atmosfera.

Com a crosta rochosa, o cobertor gasoso e condições ideais de temperatura e pressão, a Terra conseguiu guardar elemento precioso: água em estado líquido, fonte da evolução.

Cientistas ainda debatem qual seria, se a da sopa de aminoácidos e reações químicas ou a da carona num meteoro, a certa teoria para explicar como surgiu, na Terra, a vida.

A resposta continua um enigma. Porém, do primeiro organismo mais simples, se multiplicou e diversificou a vida, dos mares às florestas, por todos os lugares.

Resistente e persistente, a vida triunfou. Após seguidas extinções em massa, por eras, transformou-se, reinventou-se, inovou e gerou, entre tantas espécies, uma criatura.

O ser humano: capaz dos mais incríveis feitos e também da mais destrutiva presença, cujo cérebro, objeto universal mais perfeito, repete a teia galáctica tão complexa.

Eis, afinal, o maior enigma da vida: ter acendido na história do tempo e espaço a consciência humana, voz da narrativa cósmica na qual reflete sobre si o próprio Universo.

(06-08/04/2014)

Reunião de Heróis

Num de seus voos incríveis sobre a metrópole de concreto,
por sobre nossas cabeças vemos passar o rastro: eis O Atlante
deslizando no céu à força de um pensamento, sempre veloz e correto,
herói dos mais nobres, filho de Hélios, forjado no Sol ardente!

Em seguida, vem flutuando crepitante a bela astronauta
que, numa caminhada espacial, por uma nuvem cósmica foi tomada:
raios com partículas de origem desconhecida, de ação inaudita.
Desde então, a major sideral pelo nome de Energia Negra é conhecida.

Não poderia faltar àquela missão o famoso casal de superamantes:
o altivo Rei Trovão e a loira Senhora das Feras, Helena.
Ele soltando raios e faíscas por suas mãos negras, incandescentes,
ela com a lança prateada de Ártemis, o escudo dourado de Atena.

Enquanto isso, ao topo de um prédio, chegam dois amigos:
o maleável e inconstante Super Plástico, o viajante temporal Futurista.
O primeiro, melancólica alma presa num corpo sintético e frio.
O outro, naufrago dos tempos, de cujo utópico lar perdeu a pista.

De repente, uma explosão de fumaça escura e sulfurante!
Vindo aparentemente do Nada, surge o enigmático Lorde Limbo:
mestre das artes ocultas, mago de sete mistérios, anéis, bengala, turbante.
Porém, calado chegou e assim ficou até sair baforando o cachimbo.

Sendo então o raiar do dia, era de se esperar que alguém faltaria.
Pois somente à luz da Lua ele sai do esconderijo secreto,
com sua máscara de vigilante noturno e uma longa capa sombria:
Sr. Coruja, boxeador, detetive, piloto, o conjunto completo.

Assim se reuniram na metrópole os heróis invencíveis.
Sete dos mais poderosos, como esta Terra jamais viu antes.
Ali, unindo forças para enfrentar um perigo dos mais terríveis:
uma bomba do Juízo Final, artefato de antimatéria branca, nulificante.

A missão, porém, não era simples, pois diante deles esperava
uma seleção de arqui-inimigos, supergangue das mais nefastas:
as irmãs gêmeas Cálida e Tépida, uma que é brasa, a outra que neva;
os brutamontes Quadrúmano, misto de homem e outras bestas;

ali também O Faraó, múmia viva, relíquia de pó e crueldade;
numa prancha de névoa holográfica planava Zerum, o vilão digital;
à espreita, Mestre Caveira, assassino de incomparável habilidade;
e liderando o grupo, o gênio genocida, o pior de todos, Dr. Mao.

Pairava no ar, suspenso, o silêncio tenso antes do embate.
Era como se alguém tivesse dado PAUSE numa cena de filme.
Mas aquilo não durou sequer dez segundos: explodiu combate!
Cada um buscando a quem atacar, com quem se atracar do outro time.

Armas assassinas disparando sem efeito em corpo reciclável.
Fogo e gelo de um lado, prata, ouro e raios em resposta.
Sequências de uns e zeros mortíferos versus futuro desdobrável.
Contra alquimia egípcia arcana, vem magia ocidental ilusionista.

Não se pôde, entretanto, evitar a acidental catástrofe,
quando o estúpido e imoral gigante lançou-se contra a moça nebulosa:
ele com violência e lascívia que não caberiam numa estrofe,
ela se defendendo a toda forma com jatos de energia alienígena poderosa.

Na verdade, o efeito daquele encontro titânico foi bem feio!
Em voo rasante, desgobernado, a heroína agarrada pelo horrendo vilão
atingiu sem querer oito expectadores, partindo-os ao meio.
Depois, chocaram-se os dois contra um prédio, que logo caiu ao chão.

Alheio à poeira dos destroços, aos gritos de desespero vindos do povo,
flutuando a alguns metros dali, em pose heroica estava
O Atlante, frente a frente com seu mais terrível inimigo, de novo.
Mas calculista, com seu projetor de sombras, Dr. Mao o aguardava.

O que se seguiu foi um longo diálogo, um debate maniqueista;
o Bem e o Mal expondo suas razões e seus motivos, vários e muitos.
Tantos argumentos que não caberia aqui enumerá-los em lista.
Mesmo porque, após tal discussão, o resultado foi, logicamente: nulo.

Então, olhos luziram raios solares de brilho ofuscante,
arma disparou seu feixe sombrio. Nova soma de opostos: nula.
Mas jamais desistiria O Atlante, havendo ali uma bomba obliterante,
artefato de antimatéria a ser desativado antes que tudo destruía.

No centro da grande metrópole, continuava a batalha,
explosões de energia e adrenalina, indiferentes a tudo à volta,
carros, edifícios ou mesmo pessoas pegas de surpresa, sem escolha.
O que importava era a luta, exibir seu poder, não parar até a derrota.

Subitamente, no entanto, saindo do meio da multidão de expectadores,
largando uma mão feminina pelo terror paralisada, pequenino
e sem ser notado por nenhum daqueles supergladiadores,
surgiu lá na cena um personagem inesperado: um menino.

E o pequeno coadjuvante foi veloz como um astro dos quadrinhos,
foi astuto e esperto como um daqueles amigos mirins das HQs!
Logo estava diante da bomba do Juízo Final, o garotinho.
Mas o artefato o encarava como quem diz: “Não, esta é minha vez!”.

Havia, contudo, na bomba sensível um dispositivo tolo, primitivo,
uma simples chave ON/OFF, que a desligaria numa reles ação.
Elevou então a mão o menino, pronto para salvar o dia. Terá conseguido?
Calma, leitores! O emocionante desfecho: na próxima edição...

(18-19/03/2014)

Viagem Espacial

Distorcendo o tecido do espaço-tempo,
cobrindo distâncias mais veloz que a velocidade da luz,
minha querida nave Aurora viaja o Universo
seguindo a missão que à fria imensidão nos conduz.

Traçando arcos na curvatura do infinito,
o Cosmos viajamos em busca da grande narrativa,
deixando para trás apenas discreto feixe de fótons
da energia que pulsa no coração da nave viva.

Avançamos por oceanos de poeira e vácuo,
nebulosas multicolor, galáxias espirais e elípticas,
registrando, coletando, organizando e ordenando dados,
formando catálogo de universais maravilhas.

Pulsares e magnetares, buracos negros e seus quasares;
o nascer e perecer dos sistemas planetários;
estrelas gêmeas girando com seus pares;
asteroides, cometas, satélites inúmeros e vários.

E varrendo todo o espectro eletromagnético,
nas manifestações mais difusas ou nítidas,
testemunhamos o fenômeno dos mais enigmáticos,
chama bela que na noite cósmica se acende: a vida.

Vida que eclode e se espalha, fértil, esporádica.
Como a milenar civilização de seres vegetais,
uma majestosa cultura de plantas telepáticas,
que floresce numa longa existência em paz.

Ou quando surfamos ondas gravitacionais
acompanhando uma família de baleias mosaiculares;
ou orbitamos uma lua-monge loquaz,
que recitava contradições lógicas e versos singulares.

Tudo isso e mais nós presenciamos,
à grande narrativa cósmica novas linhas adicionando.
Então, um novo sinal interceptamos:
transmissão de civilização alienígena no vazio ecoando.

Ajustamos o curso, estabelecemos nova trajetória,
e a nave Aurora distâncias venceu sem problema.
Passamos por gigantes gasosos de beleza notória,
logo chegando a um planeta mais ao centro do sistema.

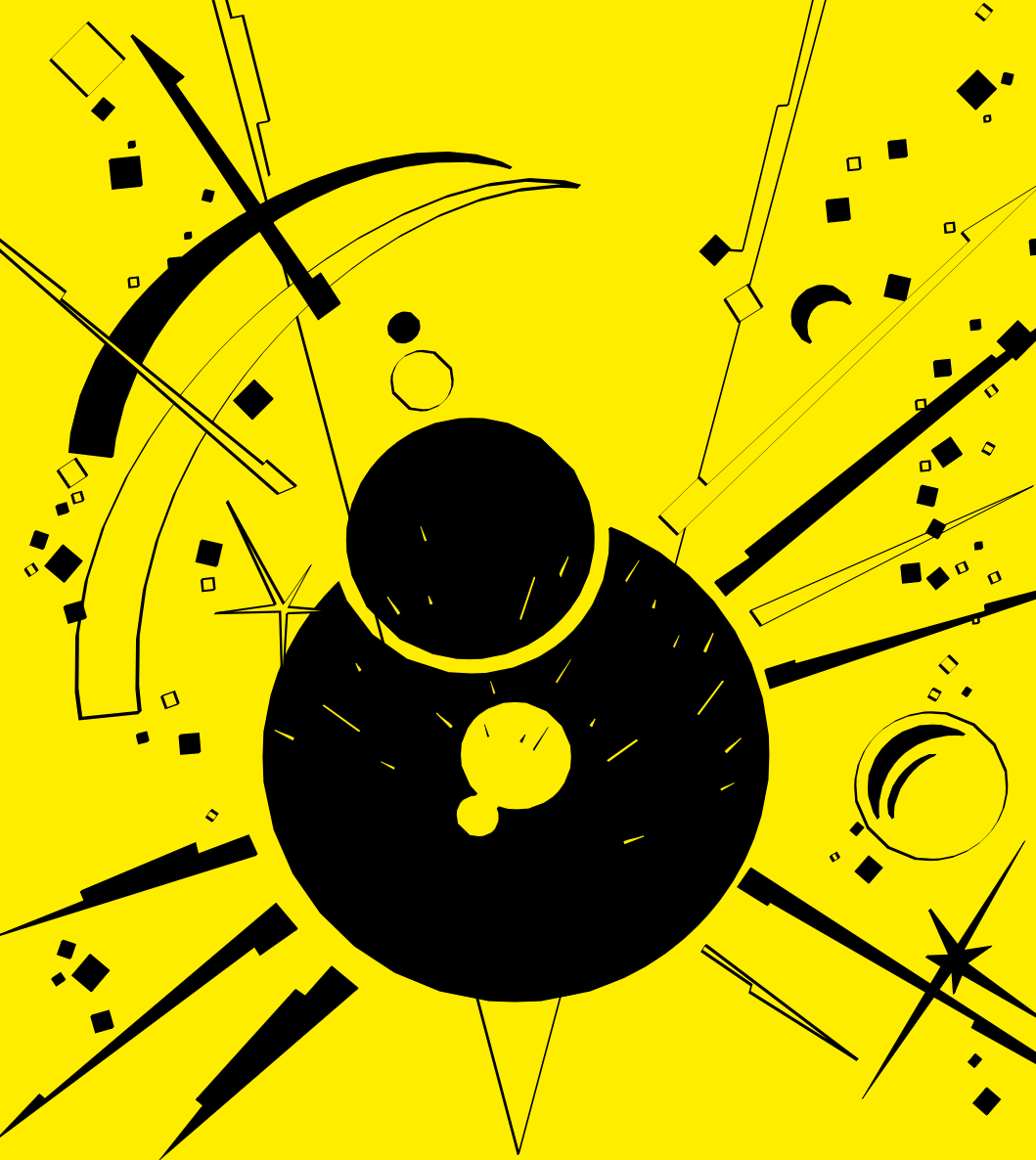
Mas sem saber a natureza dos nativos, se pacífica ou não,
cautelosos iniciamos preparativos para descer à bela esfera,
prosseguindo em mais um passo de nossa missão,
visitar a joia azul, cujos habitantes chamam: Terra.

(21/03/2014)



O autor

Wellington Srbek nasceu em Belo Horizonte, é graduado em História, mestre e doutor em Educação pela UFMG. Autor e editor de HQs premiado nacionalmente, além de escritor em verso e prosa. Atualmente, pesquisa e escreve sobre mitologia e história antiga.



Reunião de três histórias com texto em rima: “Narrativa Cósmica”, “Reunião de Heróis” e “Viagem Espacial”. Voltada ao público jovem e adulto, esta aventura poética parte das origens do Universo até o surgimento da consciência humana, depois nos apresenta todo um novo elenco de super-heróis e supervilões no melhor estilo das grandes HQs do gênero, para então nos levar numa viagem de descobertas e encantamento pelo espaço sideral, que no final guarda uma surpresa. Uma mistura de ciência e aventura, ficção e poesia em três narrativas fantásticas.